



# Biograph



---

## CIRANDA DE CORPOS: CONCEPÇÕES DAS CRIANÇAS ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Renata Aparecida Carbone Mizusaki  
Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)  
e-mail: [renatamizusaki@hotmail.com](mailto:renatamizusaki@hotmail.com)  
Cleomar Ferreira Gomes  
Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)  
e-mail: [gomescleo.cg@gmail.com](mailto:gomescleo.cg@gmail.com)

### Introdução

A Educação Infantil tem sido questionada pelas crianças que chegam à escola trazendo em seus corpos a inscrição de outros lugares, outras falas, outras histórias, rompendo com uma lógica historicamente construída com bases no controle e na sujeição dos corpos infantis às práticas de enformamento.

Atravessadas pelos tempos, espaços, discursos e práticas essas crianças têm desafiado a educação institucional a construir outras relações com outras territorialidades, outras identidades, especialmente com as identidades de gênero.

O termo gênero, diferentemente do que aparece nos discursos cotidianos, tem uma diferença em relação à dicotomia biológica homem ou mulher. Isto é, o gênero supera a visão biologistica que distingue homens e mulheres, sexualmente, e situa a questão em dimensões mais amplas e complexas. Assim, gênero pode ser definido como: “(...) é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14). Nesse sentido, o gênero assume um conjunto de expressões, signos e significados ancorados culturalmente que se entremeiam às relações de poder e que situam o ser masculino e ser feminino em diferentes lugares sociais. Essas construções e relações podem ser mais bem compreendidas a partir do que nos ensina Auad (2003). Segundo essa

autora, a sociedade, durante longos séculos tem tratado de construir características e espaços para homens e mulheres, desta forma, o modo como as pessoas entendem essas relações é que se nomeia relações de gênero, estando incutidos aí os padrões esperados desses agentes. Uma das explicações para essas relações estaria fundada nas relações de patriarcado presentes em nossa sociedade até os dias atuais, no discurso cotidiano, através de valores, das divisões de tarefas, nos jogos e brincadeiras, fábulas, entre outras formas. No entanto, isso não tem ocorrido sem que as mulheres resistam para legitimarem sua própria história.

Essas relações tem se evidenciado, não só em âmbito familiar, mas em diferentes espaços, instituições sociais e a escola tem sido um dos espaços em que as relações de gênero têm sido colocadas em ação.

No entanto, conforme Louro (2003), Vianna e Finco (2009), a escola ainda trata com diferenças meninos e meninas apresentando, através de seus mecanismos e dispositivos pedagógicos, concepções estereotipadas acerca das relações de gênero, contribuindo assim para a manutenção das relações de poder e de domínio masculino. O controle dos tempos, dos espaços, das brincadeiras e dos brinquedos tem se mostrado como estratégias potentes para incutir uma forma sedimentada na cultura e na sociedade de base patriarcal.

Além das práticas, outro elemento importante na dinâmica escolar é a rede discursiva formada no entorno das expectativas e das construções sociais sobre as identidades e as relações de gênero.

Para Larrosa (2002), as palavras têm um sentido vital na constituição do sujeito. A palavra o constrói, é viva, é dinâmica, metamorfoseia. A palavra é, portanto, aquilo que constitui o ser, que o marca, alimenta a subjetividade pela qual se constroem as relações, as identidades, os corpos. Ela nomeia, territorializa, possibilita, atravessa.

Goellner (2010) assevera que a palavra e o discurso, situam, “nomeiam, classificam” e inscrevem o corpo no tempo, no espaço, na cultura.

O corpo também é percebido por Kishimoto (2001) como lugar central de constituição do sujeito, da criança, da cultura, também do brincar, pois o corpo “é o primeiro brinquedo”.

O corpo que brinca, que movimenta a ciranda da cultura, traz para a vida infantil uma nova relação com a identidade. À medida que brinca, em que se eleva para outras possibilidades, outros mundos, a criança recria o mundo que a cerca, dotando-o de outros sentidos, vivenciando outros corpos.

Porto (1998), Corsaro (2002), ressaltam a brincadeira como produção criativa de cultura e de mundo pela criança. É um jogo onde a interpretação e a (re)criação singular da cultura, das pessoas e dos signos, por parte da criança, as colocam como parte, dessa cultura, por elas transformada.

Para Brougère (1998), se antes a brincadeira era a oposição ao que era considerado sério, racional, destacando uma visão negativa do brincar, “depois da revolução romântica” (Brougère, 1998), o brincar assume outra dimensão. “Brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem” (BROUGÈRE, 1998, s.p.). Para este autor, a brincadeira está inserida numa cultura e sua aprendizagem está relacionada aos modos como aquela sociedade se organiza em termos de significação e sentido, por essa razão se traduz como um conjunto vivo e intenso de interpretação do mundo. Portanto, para Brougère, através do brincar e do brinquedo é possível compreender a imagem construída, por uma cultura, sobre as crianças e as infâncias e o que delas se espera.

Essa relação, simbiótica e cultural, da criança com o brincar e com o brinquedo cumpre um papel crucial no desenvolvimento infantil e na construção da identidade da criança. De acordo com Gomes (s.d.), o riso, a alegria e a ludicidade presentes na brincadeira possibilita a libertação e a profanação do sagrado espaço escolar e de suas amarras pedagógicas, sendo possível que o corpo liberto e carnal se expresse naquilo que tem de mais primitivo e de mais verdadeiro.

Recriar sua singularidade e sua presença no mundo pelo corpo, pelo corpo que brinca, é um exercício tenso e fundante para as crianças e ao mesmo tempo desafiador para as escolas com estruturas obsoletas e concepções cristalizadas sobre o humano e sobre a humanidade em suas interpretações mais singulares. Por esta razão, para Viana e Finco (2009), a discussão das relações de gênero é central para a constituição de uma identidade pessoal. Assim a escola, e os adultos que nela trabalham, marcam e educam corpos de diferentes origens sociais e culturais e inserindo-os na vida social.

## **Metodologia de Pesquisa**

A pesquisa, conforme Maffesoli, (2011) é uma atividade que nos põe a escutar a vida societal, nos aproxima da realidade, é um convite.

Como uma aproximação da vida que nos convida a lhe escutar, esta pesquisa tem como objetivo, ao ouvir as crianças e através delas descobrir o inédito, o não óbvio, pelas suas vozes, pelos seus corpos, pelas suas brincadeiras, compreender como é possível a construção das relações de gênero na Educação Infantil, em pré-escola (Pré-II), considerando-se as práticas discursivas, pedagógicas e socioculturais estabelecidas neste ambiente.

Para responder ao problema de como os modos pelos quais a construção das identidades de gênero, pelas crianças da Educação Infantil, durante jogos simbólicos, brincadeiras e atividades didático-pedagógicas em sua rotina, é possível, considerando os discursos, as práticas e os mecanismos institucionais, intervenientes nesta dinâmica, metodologicamente esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, de cunho etnográfico na perspectiva socioantropológica, por compreender que este caminho, possibilita a “penetração em um mundo conceitual dos sujeitos e em envolvê-los como coparticipantes, construindo outros conhecimentos com as crianças” (FERREIRA, 2008, p.147).

A etnografia enquanto método de trabalho, ancorada em bases teóricas e conceituais permite a aproximação e a aprendizagem a partir do universo estudado, construindo juntos com seus participantes outros conhecimentos, outros universos. Mais do que dar voz aos indivíduos com os quais a pesquisa se realiza, é preciso ouvi-los para que sua perspectiva possa ser dimensionada.

Diante dessas delimitações, pretende-se realizar observações diretas no cotidiano institucional de crianças da pré-escola, pré-II, em suas atividades escolares, nas interações com seus pares, com seus(uas) professores(as), e, especialmente durante as brincadeiras e jogos simbólicos.

## **Referências Bibliográficas**

AUAD, D. *Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação*. FEUSP – GE: Gênero, Sexualidade e Educação/n.23 – Disponível em: [www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/z233.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/z233.pdf). Acesso em 20/04/2012.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo: v.24, n. 2, 1998, s.p.

CORSARO, W. A. A Reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Revista Educação, Sociedade e Culturas*, n. 17, 2002, p. 113-143.

FERREIRA, M.M.M. “Branco demais” ou ... Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, M.J.; GOUVEA, M.C.S. de. (Orgs.) *Estudos de Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008, p. 143-162.

GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J. GOELLNER, S. V. (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GOMES, C.F. *O corpo silenciado na escola: Notas Etnográficas sobre sua linguagem lúdica*. (s.d), sem paginação. Disponível em : <http://www.univag.com.br/storage/post/11/08.pdf>.

KISHIMOTO, T.M. A LDB e as instituições de Educação Infantil: desafios e perspectivas. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo: supl.4, 2001, p. 7-14.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: n. 19, jan/fev/mar/abr 2002, p.20-28.

LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MAFFESOLI, M.; ICLE, G. Pesquisa como conhecimento compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: v. 36, n. 2, mai/ago 2011, p. 521-532.

PORTO, C.L. Brinquedo e brincadeira na brinquedoteca. In: KRAMER, S.; LEITE, M.I.F.P. *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez 1990.

VIANA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, 33, jul/dez 2009, p. 265-283.